

As tendências de acesso ao ensino superior brasileiro e o perfil dos estudantes da área de educação

Manuela Grill Rodrigues
Gabriela Honorato

Universidade Federal do Rio de Janeiro
manuelagrill_@hotmail.com

É fato que o ensino superior vem se modificando com o passar do tempo, adquirindo novas características que se adequam ao contexto político, social e econômico de cada sociedade. A partir do fim do século XIX e início do XX, foi possível observar algumas tendências do mundo moderno associadas à educação superior, como a expansão do seu acesso e uma diversificação institucional. Em relação à primeira tendência, da expansão nesta modalidade de ensino, dados levados por Schwartzman (2014) mostram que no ano de 1900 havia 500 mil estudantes no ensino superior no mundo; em 2000, 100 milhões e, em 2011, 190 milhões. Este crescimento, no entanto, foi ainda mais surpreendente entre os anos de 1960 e 1995 em que o número de estudantes no ensino superior em todo o mundo cresceu seis vezes, saindo de 13 para 82 milhões (PRATES, 2007). A verdade é que a expansão do acesso neste nível de ensino não seria possível sem uma diversificação institucional, ou seja, um estabelecimento de papéis distintos entre as instituições de ensino superior. Diferente das antigas Universidades, que se voltam para o ensino, extensão e pesquisa, as instituições mais novas estão focadas em uma formação “vocacional” ou “técnico-profissional”, que atenda, principalmente, as demandas do mercado de trabalho.

Com características muito elitistas, o acesso aos cursos de ensino superior sempre foi uma conquista pertencente a uma pequena parcela da população mais favorecida da nossa sociedade. No entanto, ao longo dos últimos anos e, devido essas novas tendências do ensino superior no mundo moderno - expansão e diversificação, foi possível observar grupos mais heterogêneos conquistando a entrada nas múltiplas instituições deste nível de ensino. Este trabalho, em andamento, pretende analisar a heterogeneidade do perfil dos estudantes do ensino superior brasileiro, com destaque na área da educação. A escolha por essa área se deve à expansão do número de matrícula dos últimos anos, devido as exigências estabelecidas para a formação de professores para a educação básica em nível superior, proposta pela Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996.

A partir de revisões bibliográficas sobre o clássico problema das desigualdades de oportunidades educacionais e a estratificação horizontal no ensino superior, além de análises quantitativas utilizando dados Censos da Educação Superior e do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), a pesquisa pretende investigar se existe uma segregação dentro da própria área da educação, ou seja, se há alguma relação entre perfil dos estudantes e o curso de licenciatura escolhido.

Até o momento, foram realizados uma série de exercícios com dados do ENADE de 2014, comparando diferentes áreas da educação: Pedagogia; Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias; Linguagens, Códigos e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias. Os dados foram tratados em *software* apropriado, eliminando os casos “missing” (respostas deixadas em branco) e buscaram observar a existência de uma estratificação horizontal entre a própria área da educação. Dessa forma, em um dos exercícios elaborados, analisamos a renda familiar total (incluindo o/a do/a respondente), a situação de trabalho, escolaridade da mãe, idade, sexo e cor dos/as alunos/as.

Em relação à renda familiar total, os estudantes de Pedagogia são os que possuem um maior contingente de alunos (27,8%) com a renda de até um salário mínimo e meio, se comparado com os estudantes das outras áreas da educação. Além disso, possuem o maior número de alunos que trabalham 40 horas ou mais por semana (39%); com mães sem nenhuma escolaridade (13,9%); mulheres (93,2%); e o menor contingente de estudantes que possuem até 24 anos (22,2%), idade “ideal” para estar no ensino superior de acordo com o ENADE. Isso quer dizer que se a área de Educação já é reconhecida como aquela que agrega estudantes com o menor nível socioeconômico, os de Pedagogia teriam, ainda, um menor nível.

No segundo exercício feito observamos a estratificação relacionada à trajetória dos estudantes na educação básica, de acordo com o tipo de escola frequentada no ensino médio e a modalidade de ensino. A partir dos dados analisados, é possível perceber que os estudantes de Pedagogia foram os que mais estudaram em escolas públicas durante todo o seu Ensino Médio (85%), se comparados com os estudantes das demais áreas da educação. Além disso, apesar da maioria dos estudantes ter frequentado uma modalidade de ensino tradicional, o seu percentual foi o menor se comparado com as demais

licenciaturas: apenas 58%. É importante destacar o alto percentual (24,2%) de alunos oriundos do magistério como modalidade de ensino.

O terceiro exercício buscava analisar a estratificação de trajetórias no curso de graduação, em relação ao turno cursado, o recebimento de bolsa/auxílio social, recebimento de bolsa acadêmica e horas de estudo por semana. De acordo com dados do ENADE 2014, a grande maioria dos estudantes de Pedagogia estudam no turno da noite (77,8%), sendo esse o maior percentual também se comparado com o restante das licenciaturas. No entanto, são os que menos recebem qualquer tipo de apoio/auxílio social e bolsa acadêmica, apenas 6,9% e 11,5%, respectivamente. Quanto às horas de estudo, a maioria estuda de uma a três horas por semana, não havendo nenhuma grande diferença em relação às demais licenciaturas.

O quarto exercício elaborado tratou da estratificação do desempenho dos estudantes analisando a nota bruta, a nota bruta na formação geral e a nota bruta no componente específico no ENADE 2014. Dessa forma, em relação à nota bruta, média ponderada da formação geral (25%) e componente específico (75%) em escala de 0 a 100, pode-se perceber que os estudantes da Pedagogia, se comparado com os estudantes das demais licenciaturas, obtiveram o menor índice, 22,3%, no terço inferior (número e percentual de notas de 0 a 33) e o maior percentual, 9,6%, no terço superior (número e percentual de notas de 67 a 100). No entanto, em relação à nota bruta na formação geral, média ponderada da parte objetiva (60%) e discursiva (40%) em escala de 0 a 100, os estudantes da Pedagogia tiveram maior percentual de alunos no terço inferior (35,3%) comparados com as demais áreas da educação, e menor percentual no terço superior (12,7%). E, por fim, na nota bruta no componente específico, média ponderada da parte objetiva (85%) e discursiva (15%) em escala de 0 a 100, os estudantes da Pedagogia possuíram um dos maiores percentuais no terço inferior (31,9%), abaixo apenas da área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias que obteve 37,7% dos seus estudantes nessa categoria. No entanto, a pedagogia obteve o maior percentual de seus estudantes no terço superior neste componente (14,2%). Esses resultados carecem de interpretação mais apropriada, o que será realizado como próximo passo da pesquisa.

Um último exercício, que analisava a estratificação das percepções sobre o curso e expectativas de inserção profissional, mostrou que a maioria dos estudantes da Pedagogia teve como principal motivação para a escolha do curso a “vocação” (32,8%). No entanto, é preciso destacar um elevado percentual na escolha do curso pela inserção profissional (21,1%) e valorização profissional (19,6%), esses índices se

justificam a partir do momento que voltamos para as análises do perfil dos estudantes da Pedagogia, em que a maioria trabalha 40 horas ou mais por semana. Com relação às percepções sobre o curso, as curvas praticamente simétricas e sempre ascendentes mostram que os estudantes da Pedagogia, assim como das demais licenciaturas, tendem a concordar as questões feitas, como por exemplo, se os conteúdos favoreceram sua atuação em estágios ou atividades de iniciação profissional.

Dessa forma, a partir das análises destes dados, o que parece é que no interior da área da educação, que já é menos valorizada socialmente e com menores retornos econômicos (renda), haveria um grupo ainda mais segregado: estudantes de Pedagogia. Em termos de desempenho, entretanto, estes concentram o maior número de estudantes com notas no terço superior, com exceção do componente geral, o que exige de nós ainda uma melhor interpretação. Quanto às percepções e expectativas, não há grandes diferenças entre as áreas, dessa forma, faremos comparações das questões dentro de cada área para verificar se há diferenças significativas.

Para os próximos meses, pretende-se realizar exercícios para observar a estratificação dentro do curso de Pedagogia, com destaque para comparações institucionais, assim como avançar na análise e interpretação dessas estatísticas descritivas. Ademais, devemos continuar investindo em exercícios concentrados na área de educação superior, já que, além de ser um grande interesse do LEPES, acreditamos que esses exercícios são de extrema importância para subsidiar análises e políticas no campo da permanência e/ou não evasão de estudantes no campo da educação, área estratégica para o desenvolvimento econômico, político e social do nosso país.

Referências:

PRATES, Antônio Augusto Pereira. Universidades vs. terceirização do ensino superior: a lógica da expansão do acesso com manutenção da desigualdade: o caso brasileiro. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 17, jan./jun. 2007, p. 102-123.

SCHWARTZMAN, Simon. A educação de nível superior no Censo de 2010. Trabalho preparado para apresentação no Encontro do Grupo de Pesquisa “Ensino Superior: expansão, diversificação, democratização”. Belo Horizonte, 27/28 de setembro 2012.